NADA VIRA DO AVESSO SOZINHO

CAIO LIMA

P.R. ANDEL

ISBN: 978-65-00-07140-5

nada vira do avesso sozinho II

caio lima p.r. andel

2020

VILA REAL

nada vira do avesso sozinho

II

caio lima
p.r. andel

2020

VILA REAL

Ficha catalográfica

Copyright © Vilarejo Metaeditora, 2020

Coordenação editorial

Paulo-Roberto Andel e

Zeh Augusto Catalano

Arte gráfica e capa

Nátali Nuss

Revisão

Zeh Augusto Catalano

Todos os direitos desta edição
reservados a:

Vilarejo Metaeditora

vilarejometaeditora.com.br

vilarejometaeditora@gmail.com

ISBN 978-65-00-07140-5

Proibida a reprodução total ou parcial

deste conteúdo.

PREFÁCIO

FELIPE FLEURY

Poeta, autor de "O pó do caminho" (Editora Penalux, 2018), coautor de "35 dias" (Vilarejo Metaeditora, 2020). Premiado no 33º Festival Poético do SESC/PR/2017, realizado da cidade de Cornélio Procópio, com o poema "O Menino e os Limões" e integrante da antologia "Poesia Livre 2016 – Concurso Nacional Novos Poetas", tendo seu poema sido classificado entre os dez melhores da competição.

Escrever um prefácio sobre um livro de poemas em coautoria é, na verdade, escrever dois prefácios. Ao ser convidado pelo poeta Paulo Roberto Andel para dizer estas palavras sobre, Nada Vira do Avesso 2, fui de antemão avisado de que a numeração nos textos indicaria o autor do poema. Nem seria preciso.

Alternando-se até ao fim, os trinta poemas, quinze de cada poeta, deixam digitais próprias, indissociáveis, muito embora se tangenciem vez por outra, mantendo uma salutar identidade temática e rítmica, suficiente para não transformar a leitura num passeio de montanha russa.

O livro de Paulo Andel e Caio Lima, com as chancelas próprias de cada poeta, peculiares, mas não dissonantes, grita aos ouvidos um pedido de socorro, seja por meio da crueza sofisticada da poesia de Andel ou pela revolta, liricamente disfarçada, da poesia

de Caio. Ambos querem a revolução, cada um a seu modo, unidos por um inconformismo que os alimenta, fere e move.

Ao caminhar pelas ruas do Centro ou de sua antiga Copacabana, é o homem mais solitário do mundo, “esperando por um abraço que jamais virá”. Sobre o chão gangrenado de uma cidade transformada,

Andel escreve a nostálgica Copacabana e as cenas de um Centro do Rio, que são o retrato do desmazelo político, do apartheid social, do liberalismo que adorna o Leblon e escarra nas camas de pedra, sobre as “calçadas de chumbo”, onde seres humanos dormirão à noite.

Vai além de escrachar uma cidade transformada, obra natural do tempo, para mostrar, com crueza e talento, a transformação do próprio homem, vítima de um mundo menos humanista e mais egoísta, onde a meritocracia forjada pelas elites passa a ser a cultura que privilegia e segrega, alimentando a desigualdade social, um dos maiores males deste país.

Esse primitivismo moderno – “tempos modernos/velha mediocridade” - é retratado de forma contundente nos versos: “são apenas primitivos/ no máximo possuem dinheiro/ e dormem tranquilos/ em pleno ballet da morte/ [eles não sabem do mundo”. Só interessam a Andel, verdadeiramente, os travestis, os malandros, as prostitutas, os pedintes, os boêmios, a música dos becos, o

refugo da sociedade moderna, tesouros que desvela em cada verso, o seu mundo.

Ele escreve com os dedos, lanhando-os sobre o papel até ao sangue, reproduzindo a tragédia cotidiana, misturando-se ao personagem diário em que tropeça nas suas andanças pelo Centro da cidade. É assim, é aí, no meio desse turbilhão de náufragos sociais, que se sente em paz: "a minha paz é a mão estendida/mendiga/pedindo esmolas num circo/lotado na avenida brasil".

A poesia de Andel é o que ele vê, cruamente, imagens sem cortes, transportadas para o leitor por meio de versos, estes, sim, lapidados numa sintaxe que, paradoxalmente, os tornam magistralmente arrebatadores.

A morte, dita até aqui no sentido da morte em vida, da desumanização que grassa como um vírus e da nostalgia de um tempo que só pulsa no coração e nas antigas lembranças, ganha outro viés nas palavras, agora, do poeta Caio Lima.

O fim absoluto e inadiável, do corpo e da alma, a morte inexorável, apodrecida, dita no verso "putrefato em consciência/e depois da morte em carne", como a expressão máxima do perecível, da carne, objetificação da vida.

O inexorável fim perturba o poeta diante da instantaneidade existencial, que se resume a uma pequena estrada, cujo termo é um escuro e silencioso precipício. É assim

que, atormentado, como diz em, “Morte, pesadelo da vida”, amargura-se por não poder sonhar nem quando fecha os olhos, atento ao colapso iminente de sua própria existência.

É preciso resistir à morte, como revela no verso, “aos que vivem e devem intuir apenas resistir à morte inevitável”, como numa batalha em que já se soubesse antecipadamente o vencedor e na qual o combate jamais conduziria o poeta à vitória, mas daria a si mesmo um sentido à vida, manter-se de pé o máximo possível diante de um adversário intransponível, e o mérito de ouvir , ao fim, derrotado, “Das gélidas palmas a bater,/aplausos de morte”.

Morrer, contudo, embora seja o fim da carne e do espírito, não apaga as mazelas da vida, pois estas permanecem indeléveis nos rastros que o seu eu lírico deixou em sua existência.

Marcas que a morte não alcança, sendo vã a tentativa de “Mascarar os insucessos/ das derrotas sucessivas/como se, em absoluto, a morte/tudo aliviasse.”

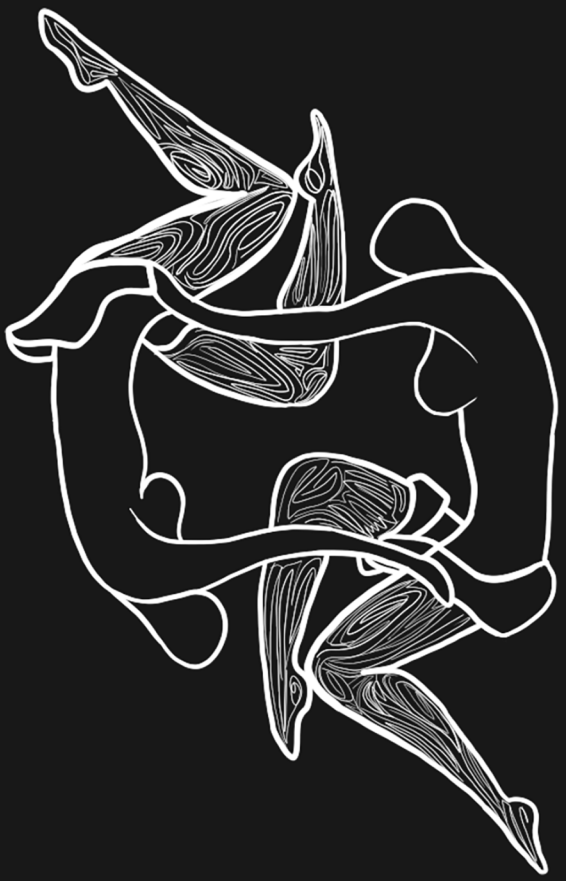
A existência, que dá o tom à poesia de Caio Lima, é trabalhada sob um lirismo bem construído, que remete, ainda que em poucos poemas, à mitologia grega e a Fernando Pessoa, dica que o poeta dá sobre sua luz inspiradora, como no verso “Adamastor da flor do lácio;/ de Pessoa que me atinge em afeto”.

A lírica de Caio Lima estabelece um contraponto formidável com a crueza dos poemas de Andel, conferindo ao livro um tom mais ameno, nem tão suave, nem tão duro. Vale reproduzir, como exemplo dessa alternância, um dos mais belos versos de seus poemas, "O grande memorial de lágrimas/a se embebedar de perdões".

No entanto, diferentemente da poesia de Andel, cujo estilo é inconfundível, a obra de Caio, vez por outra, dialoga com a rudeza típica da de seu colega, sendo até mesmo difícil distinguir, em alguns casos, sua autoria, como neste verso, "mesmo que ninguém se importe porque/foda-se nem eu me importo".

Nada Vira do Avesso 2 é, portanto, um livro de muitas aflições, dispostas à maneira da percepção de seus autores, ditas aos berros ou quase sussurrando, verdades que os poemas levarão ao leitor para que este as reconheça ou não, também, como suas, porque como revela Caio Lima, "o poema existe por não mentir jamais".

Ao mostrar ao leitor as imperfeições do mundo, a obra desvela as nossas próprias imperfeições. Resta saber como lidaremos com isso, se expiaremos as nossas culpas ou fecharemos os olhos às dolorosas verdades que irrompem de cada poema deste livro.



I

A sua voz não vem
de longe
e por sua vez
a minha voz
não chegará
por não
se mover.

Falemos despertos
pelas madrugadas
a fio sobre
nossas vidas
escrevamos cartas
sejamos solenes
e ao ler emulemos
a voz do outro
a que queremos
como esforço último
se não temos perto.

II

olhando para a parede branca
e cheia de grafites espertos do
outro lado da rua sem ter mais
qualquer mendigo por perto já
que não há esmolas nem restos
nem pessoas nem generosidade:
necropolítica metralhadora para
todos os lados até fazer a carne
moída das pessoas mais simples

[escroques fascistas gargalham

[a tristeza é o prato frio da cidade

gotham city sem batman afinal

III

A melodia estrábica

distorce o óbvio ululante

quando palavras de ordem

tornam-se favoráveis aos que

agridem

IV

NOITE

cai a noite e atravesso uma longa avenida torta • com nenhum transeunte e muitos inquilinos de calçada • desmaiados por fome e drogas • sequer estendem as mãos • acima das marquises velhos reacionários vociferam • por um mito em ruínas e escombros • velhas lojas já não existem • e os boêmios despediram-se para sempre • as turmas de esquina desapareceram • bem como as filas de cinema • bem antes da pandemia muitos faziam o mundo de casa • com a televisão na sala ou o computador • ou o smartphone funcional • é mais fácil mandar dedões ou risinhos ou até nada • o bairro está calado pois as vozes emudeceram • amanhã é só um novo dia • copacabana é uma promessa sem juros ou garantia • as vitrines são super outras • nenhum amigo acena • muitos são morte • outros o tempo tinge com absurdo • atravesso uma longa avenida • e carrego minhas dores • agora sou um estranho no ninho • um desconhecido no bairro • enquanto suo e choro • esperando por um abraço que jamais virá.

V

A morte em conjuntos de 3.
Manifesto e recomeço,
distúrbio em desalinho

com o passar dos terços.

A terça parte
e o terço.
Arrivederce, morte;
pois destrincho,

ágora.

Empunha a vela numa mão;
na outra mão o grafite.

Destrinchar vidas como fosse
de morte a única sorte.

Matar a sede, sebe adentro,
camuflada, com o preto veste
o indefectível pelo da noite
a molhar de sangue quem a bebe;

e os apócrifos escritos
aos alfarrabistas matam.

Donos de sebos já não
sabem quais livros servem,
como respostas que não estão
em conjuntos de 3.

VI

o mundo é meu bairro
e está infestado de homens
sem amor, coléricos:
não sabem apreciar o mar
a brisa atlântica, o luar
desconhecem os heróis
da areia, as sereias da
calçada - nunca tomaram
um bom porre de boteco
nem jogaram beijinhos
para simpáticas travestis

[agora só ruminam fel
[agora se gabam de quê?

eles não sabem do bairro
das ruas e das músicas
eles não sabem da night
da conversa tão sedutora:
são apenas primitivos
no máximo possuem dinheiro
e dormem tranquilos
em pleno ballet da morte

[eles não sabem do mundo

VII

A terra come
o corpo quente
e dissimula
os processos
de putrefação.

Decanta, não
decompõe o
que deveria
ser matéria
inútil.

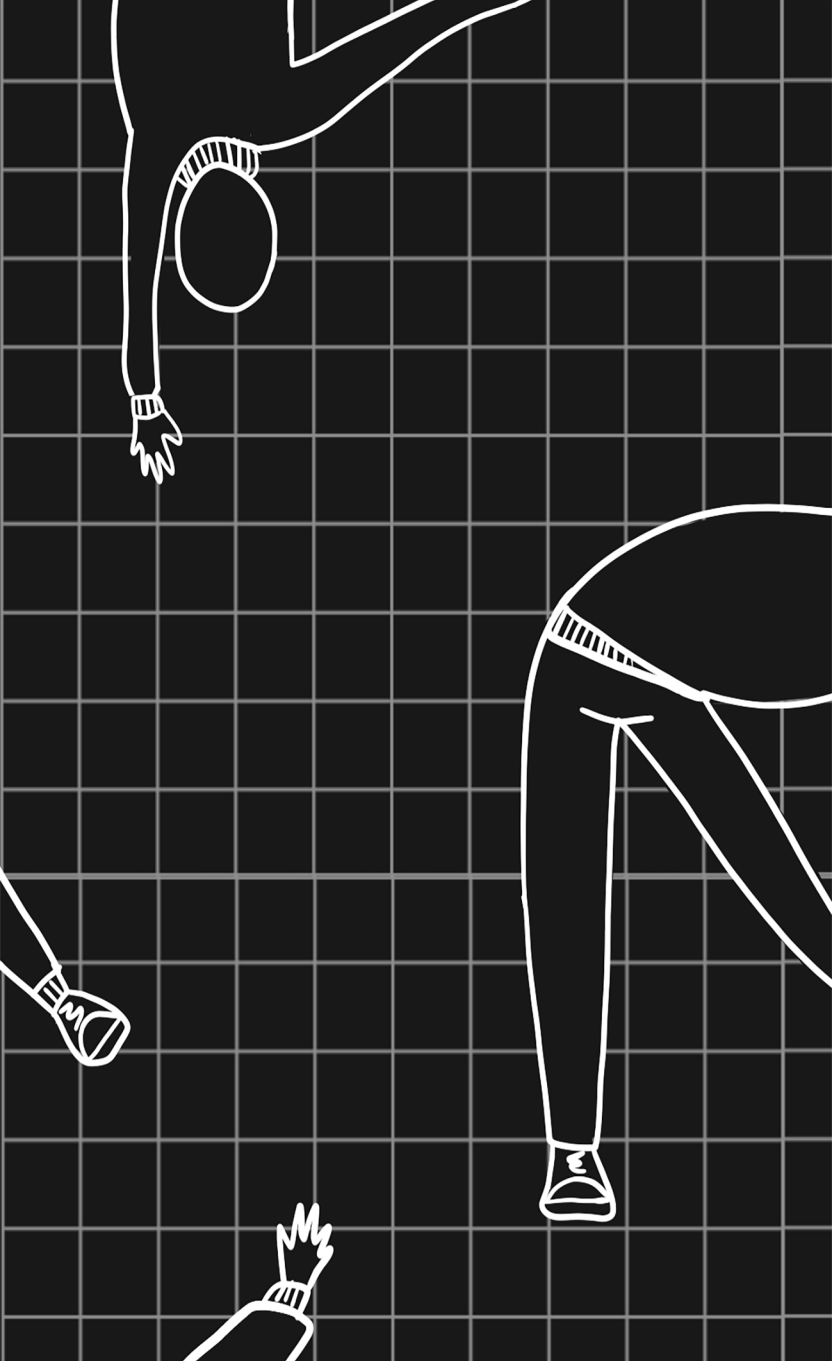
Ser fato presente
tornado relativo.
A morte à deriva
a cismar não saber
o limite da vida.

VIII

travessa • dos poetas • de calçada

era só mais um poeta de calçada • estendido à miséria entre ratos e paralelepípedos • um poeta um garoto • sem pai nem mãe • sem irmão nem nome • exausto da vida enquanto o mundo dorme • até que venha o dia e a tragédia permaneça • enquanto correm para os shopping centers mon amour • enquanto correm para as praias • que mal tem quarenta mil mortos • além da dor de quarenta mil famílias • e cinquenta mil amigos? • era só mais um menino cumprindo pena sobre as pedras portuguesas • pelo crime de ser pobre • e não ter amparo • há quem não veja mal nenhum • porque é só um vagabundo • que não arruma um trabalho • mas nunca se viu um pequeno ou grande mendigo • na dinâmica de grupo • num endereço corporativo • por que será? • é só mais um garoto cumprindo uma sentença injusta • numa sociedade patife • cheia de gente louca para dar sua esmolinha • e sair correndo para não se comprometer • pois eles não têm nada com isso • não criaram o mundo • e com a estupidez que lhes é peculiar • não pretendem melhorá-lo • porque precisam correr para o shopping center • e precisam correr para as praias • uhu! • eis o maravilhoso berço esplêndido da meritocracia • onde as pessoas são livres para o suicídio • e para morrer sobre as calçadas • depois de estender os braços por dez mil

dias • em troca de moedas e caras de nojo e gente desviando • e gente que nem é gente atravessando a rua • para poder não olhar • a cortina do passado está rasgada e rota • enquanto se lê manchetes estúpidas • sobre cafuzos nazistas • e mamelucos fascistas • mas todos estão muito ocupados para se comprometer • com um menino mendigo • à espera da verdadeira morte sobre a calçada • cumprindo uma pena inaceitável • enquanto dizem que não deveria ter nascido • só porque veio pobre • então chegam quatro da manhã e uma pergunta dá um soco na alma • pow! whow! boom! crash! • quem inventou essa bendita sociedade de merda?



IX

Tornar viável
a receita
e limitar
gastos públicos.

O peso plúmbeo
e sentinela
da aquarela
dos anos de chumbo.

Sofrer a derrota
dói menos
no mesmo
homem que arrota

comum desfaçatez
a retirada
à sincopada
rigidez das leis.

Frágeis direitos,
bem esquecidos,
mal logrados
em bombas de efeito.

Agridem corpos,
roubam vidas
com guarida:
jazeis mortos.

X

remanescente

tenho morrido muitas
vezes e foram tantas
vezes na semana
passada que não pude
dormir

e perto da minha cabeceira
um poderoso ventilador ligado
parece a turbina de um avião

[olho para o teto e finjo uma
viagem

[a janela é a porta principal

uma aeronave rumo a destino
algum
e minha poltrona esgarçada
enquanto sinto fome
sede, cansaço e o peso da
morte:
é que tenho morrido vezes
demais
e isso me tira o sono
- meu teto é um céu sem
estrelas

ela dorme ao lado e viaja
tranquila demais
a minha paz é a mão estendida
mendiga

pedindo esmolas num circo
lotado na avenida brasil
e por isso morro sem dormir

em algum lugar do teto tem lua
o ronco do motor à rua
denuncia outra morte
[a noite que não dorme, o corpo
que não sonha, o grande irmão

copacabana, vejo teus brilhos
teus galãs e fêmeas da noite
e boates encerradas
meu coração na janela
procurando o sentido do fim:
para onde se mudou o amor?

a turbina em meu ouvido
não cessa
minhas fomes e dores
o meu amor que dorme
a dor que me adormece

copacabana, meu abraço
os garotos ficaram distantes
é que o sonho já deu no pé
a luz da janela é a derrota
a saída principal sem voz

XI

Fruto das noites que consumo.
Noite dos frutos que planto,
como sementes para crianças
leigas em jardinagem, mas
espertas em regar com pranto
toda sorte daquilo que é puro
e escapa depois de grande.

Fruto das noites que consumo.
Noites são consumidas nos cantos.
Embalagens vazias, roupas puídas
em ascendência com as páginas
riscadas dos cadernos que rasgam-se
aos montes por não suportarem o peso
da lida, mesmo que intermitente.

Fruto das noites que consumo.
Noites são frutos maduros.
Aguardar o raiar do dia por
se tratar da luz que entra
e implorar pelo lampejo a um
divino que me é caro, culpado,
amigo, mecenas e conselheiro,
a depender do tempo não mais meu.

XII

mais uma madrugada, mais dores de cabeça e no peito, mais um descanso sem paz, mais um dia da pena cumprida. a pena que não se encerra, a dor que não cessa, a lágrima que não seca. mais um silêncio da rua, mais um dia à toa, mais um passo para a morte, um passo para o nada, mais uma falta de sentido enquanto a roda da fortuna gira para meia dúzia. o sentido que atordoa nas mãos estendidas, no desespero dos humilhados, no descaso dos abonados, nesta vasta desumanidade que inunda os rios de dor. mais um dia de pena cumprida pelo crime não cometido, à espera do portão aberto, da volta às ruas para caminhar lenta ou brevemente rumo ao nada, ao que não vai sobrar, ao que já está desperdiçado, ao que será em vão. não deveria ser pena, mas vida. deveria ser amor.

XIII

Como a gaiola voando para o pássaro: não falará de vida, mas de morte. A vida existe por si só e todos a possuem e a desejam de alguma forma: a forma e o desejo que os apresento no onírico. Até que a vontade de transgredir as leis naturais da vida assuma, decerto; afinal, preciso sentir alguma emoção aqui do infinito, lugar em que tudo é controlado.

Como a gaiola voando para o pássaro: aos que vivem e devem intuir apenas resistir à morte inevitável. No infinito os meus dias rastejam, os dias que não existem. Me aprisiono ao simples prazer de vê-los reconquistar o tempo do mundo, meu universo, e falhar miseravelmente.

Como a gaiola voando para o pássaro: a vida dá a si mesma certo sentido e que tecnologia nenhuma fará diferença no fim dos tempos quando chegar. Indico, aliás, que continuem desenvolvendo meios de vida mais úteis e precisos: o nível de comicidade é assombroso, eu jamais faria humor melhor, apesar de tê-los feito.

Como a gaiola voando para o pássaro: a vida pode ser tirada com base em leis, decretos, achismos e ordens, porque a vida lhes é sagrada como a violência; mas, na verdade, ela será tirada de acordo com o bom entendimento de qualquer tirano, déspota, assassino: homem, porque todos

vocês são a minha imagem e semelhança; e sabem mil e uma maneiras de execução.

Como a gaiola voando para o pássaro: os templos se organizam como verdadeiros centros de pedidos e perdões e indultos que, fique bem claro, eu não concedo, mas me regozijo assistindo-os pedir; menos quando cantam em latim, não à toa matei a língua. Jamais me coube papel de tamanha importância, porque eu mesmo não me importo com vocês.

Como a gaiola voando para o pássaro: as mil formas de morrer por vocês criadas, a mais cruel será sempre a fome; porque se há o que eu tenha feito a vocês, foi dar de comer.

Como a gaiola voando para o pássaro: a verdade única da criação foi reduzir o tédio a que me permito. Repito o tédio porque me é muitíssimo grande o sentimento de que no universo nada é tão interessante quanto eu. Não sei como não perceberam, mas quero o caos manifesto, o caos ideal.

Como a gaiola voando para o pássaro: vou testá-los até o extermínio. As formas de matar e morrer criadas por vocês são variantes interessantíssimas das minhas próprias e jamais me passaram pela cabeça, mesmo vocês sendo minha imagem e semelhança. Jamais tive a oportunidade de agradecer as excelentes ideias que anotei para uso universal. Invejável. Agradeço.

Como a gaiola voando para o pássaro: eu nunca falhei ao não atendê-los. Eu não falho, mas a autopunição é a maior virtude que eu vos dei, decerto. Vocês produziram as várias formas de matar e me cobram o castigo que eu não concedo. Quero que saibam o muito que me contento com os inúmeros pedidos.

Como a gaiola voando para o pássaro: no fundo tudo é experiência – e, apenas no meu caso, diversão também. A vida é só um ritual de passagem. Vocês me chamarão de sádico e eu me atrevo a concordar. Vocês também seriam se não tivessem tempo ou se o tivessem todo.

XIV

ameaçadores tubarões
voadores a caminho
das janelas atlânticas
de respeitáveis cidadãos

[em nome de deus, da pátria, da família,
contra a corrupção

com seus dentes mortíferos
e o sangue de lenin nos olhos
prontos para abocanhar
respeitáveis sobrenomes

depois do massacre os
perigosos tubarões voadores
vão para o circo voador
a preços populares
num show de rock n' roll
e muita ganja e muito som -
a grande revolução
com três ou quatro acordes

meliantes os tubarões voadores
assassinos da elite os tubarões voadores
intrépidos delírios tubarões voadores
- a dor tem matizes

XV

Adamastor em bronze; um enlevo,
epitáfio dos mares encobertos,
fogos crivados no mormaço
e açores ventos no deserto.

Adamastor da flor do lácio;
de Pessoa que me atinge em afeto.
Vil! Descaso da morte que me faço
quando sorve o caminho mais perto.

Adamastor que por bem esconde e
guia para longe a fé noutro dialeto.
Faz do ventre seu forte e paço;
faz do braço alento do sem-teto.

Adamastor, tu bebes servido do ócio;
guia, pois, os mares ao meu encanto
e faz dessa e de toda sexta equinócio
na mesma terra que me custa ser santo.

XV

as mãos mendigas
estendidas nos pés dos
transeuntes
estão recolhidas
desaparecidas
abandonadas
à própria sorte
ao martírio livre

[quem se importa com isso?

as mãos mendigas
não interessam ao
mercado nem aos
tais investimentos

elas se estendem
sem esperar aperto
nem afago ou atenção:
são a voz do desprezo

XVII

Da vida, que não sobra
outra coisa além dos pesos
que o próprio destino
reserva à mesa.

Mascarar os insucessos
das derrotas sucessivas
como se, em absoluto, a morte
tudo aliviasse.

Antecipo-me ao prêmio
antes mesmo que o
destino natural se cumpra,
em circunflexo desatino.

Solidão seria revoltar-me
entre o tédio e a débil derrota,
inseguro nos préstimos do fim
de tudo como um sábio.

Profeta de mim, desafeto
de um tempo que não me afeta,
descarrego de energia. As traições
do pão tranformo em vinho
e palavras.

Por palavras ungidas no
fatídico dia em que muitas
derrotas serão aplaudidas
de pé pelo eu derrocado.

O grande memorial de lágrimas
a se embebedar de perdões.

XVIIII

cada
um por
sim

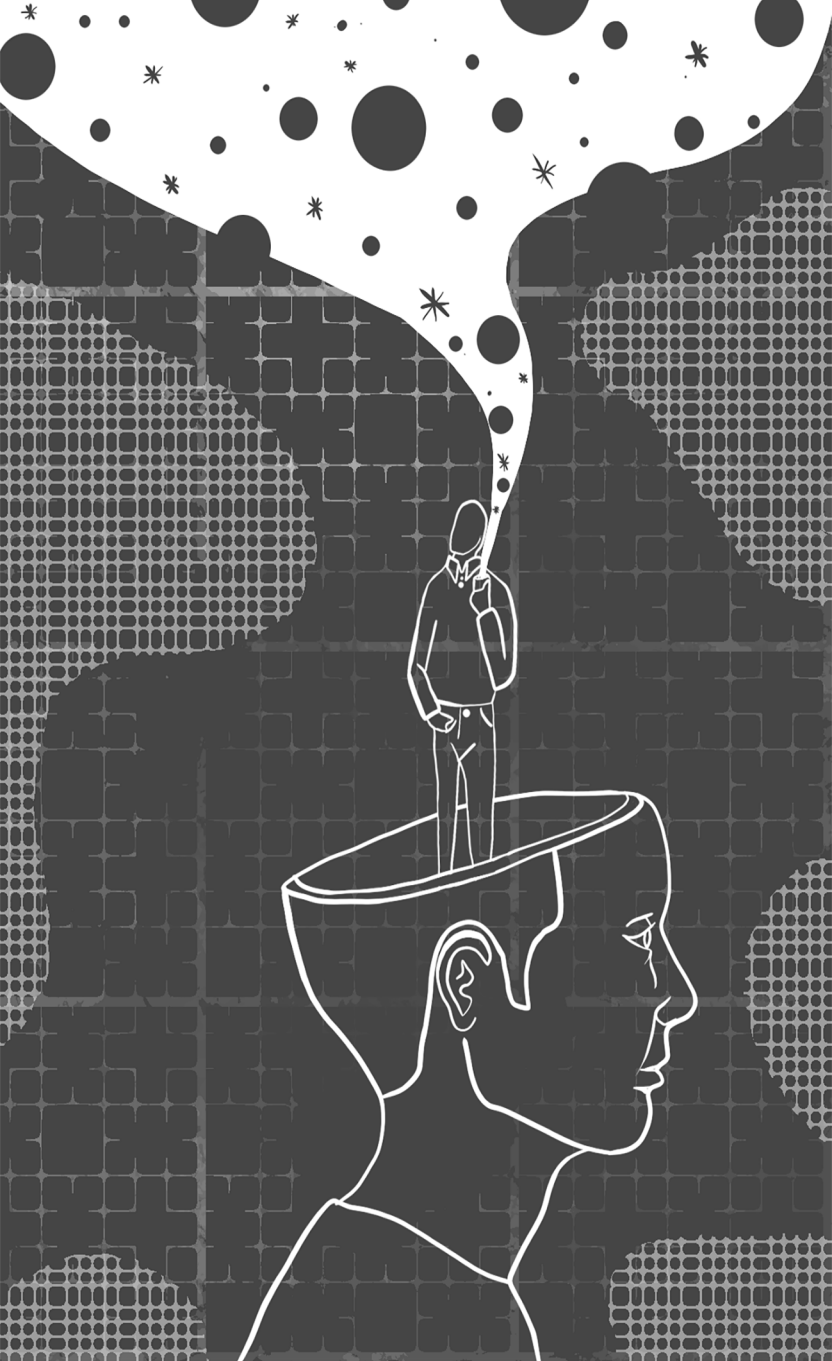
cada um
por um
sinal

cada
passo
vago

cada
pedaço
tendo

cada
caso

cada
falso



XIX

tríptico para o poema
tragado pelo cinza
caminhos da relva cor votorantim
argamassa cp2 arame e fundação
o policial militar e o bombeiro
milicianos e condecorados
alvejam carros na surdina
mas são os poemas que oferecem perigo
pelo alinhamento ideológico
são 762 motivos para viver com medo
fora a barganha que é viver do estado
molezinha de fim de tarde
churrascada com os aliados às custas de morador
e são rimas que agridem
sem que se discuta a violência ou
os 3% do total de operações da pmerj em áreas
dominadas por milícias
117 fuzis em casa jogados ao mar pra tubarão caçar
tributo à iemanjá dívida de honra
com o deus do homem de bem que protege
na operação na invasão na coerção
no sequestro e na ocultação
de cadáver também
auto de resistência bate recorde te matam
na bahia como queima de arquivo
mas são palavras interrompidas nas casas
alvejadas que ferem

aço escovado condecorações balas e
melodias fabricadas
o terceiro braço do estado equipado pela
taurus
guerra contra a vida a morte chegou
respirar agora é tão inflacionado
quanto mentir aos jornais que a família não
é envolvida
e o poema existe por não mentir jamais
ao custo de ser considerado o verdadeiro
mal

XX

a ditadura está no sangue
espatifado por sobre a calçada
entre pedaços de massa
encefálica

e outra calçada onde animais
humanos famintos e loucos de
crack vivem a dança da morte
desde crianças

porque a burguesia entende que
seu dinheiro roubado é mérito
que o ideal é lançar a bomba H
em cima das favelas

e criar uma cidade própria, asséptica
cheia de si

a ditadura está nos puteiros da máfia
onde jovens garotas entorpecidas
são escravas do sexo e da cocaína
de segunda linha

a ditadura oprime em vagões de trem
lotados enquanto trabalhadores carregam
suas marmitas vazias nas mochilas - e
sonham com frango

e guerras de bandido contra bandido onde
jovens pretos são trucidados por outros
jovens pretos numa guerra que não é deles,
mas de outros

XXI

A carne talhada,
leitosa,
calha de sorver
da vida o pouco que resta.

E resta-um!
Quando sopra, respira...

Diz pelo sopro, pelo vento que erode,
esmerilha e acelera a
decomposição do
que esfacela, do que celebra,
do que margeia
a atmosfera dos movimentos
das mãos febris; do destino tira-se
toda a sorte.

Das gélidas palmas a bater,
aplausos de morte.
Aplaudam-na e
deem seus sopros à mais bela.

XXII

dá-me tua carne saborosa
entre anseios e dúvidas
e moralismos da fé, embora
entenda tua contradição

sempre te procurei
noutros cantos e gozos:
noutras palavras e versos
vamos à contramão!

XXIII

Aumentar o tom,
imputar decibéis,
tornar inimputável
tudo quanto grita(?);
tudo quanto pode
sob pena de vê-los
obrigados a acelerar
o bpm do grito.

Quão mais rápido grita,
resiliente, o zumbido
permanece, desloca,
furtacor do maldizer
até chegar o bendito
aparelhamento (auditivo).

Grite o maior grito,
gire o único giro
e aumente o volume
os não-watts,
rms são os que contam,
apontam e inferem
aos ouvidos mínimas
escolhas líricas de vida.

Toda parte resolvida
tem culpa e dança
sem medir a frequência.
Parta! Vá e se permita
voltar no partir dos ecos
gritados de início,
que quebram silêncios,
audíveis agora em
surround.

Como grandes aparelhos domésticos
incomodando a vizinhança;
de fato, esse é você.

Finda vida, fica grito.
Como grandes histórias,
as pequenas vitórias
são complementares e decisivas
aos vestígios do caráter:
conscienciosas o bastante
para tornar permanentes
os ecos de foro íntimo
no imaginário das lutas.

XXIV

PARA ANGELA RÔ-RÔ

quando estiveres cantando
serei mar da intranquilidade
e verei a terra de muito longe

[com seu azul de beleza única

ouvirei teus versos que rasgam
enquanto uma voz atordoa
de tão encorpada e bluesy
esmurrando as paredes do teatro
enquanto os jovens riem e vivem

quando estiveres cantando
serei samba da antiga, juízo final
entre amores e cores diferentes
tratando meu chope solitário
num velho restaurante da farme
ou na solidão a mil no baixo gávea

[se precisar eu viro um carro na pirajá

XXV

Angústia que soterra
o pássaro do dia
mentecapto cardápio
de quem canta
e de quem voa.

Preso em silêncio,
não pretendo fazer do
ambiente um suplício:
basta não abrir o bico.

Eis a origem da
claustrofobia:
silêncios obrigatórios;
emudecimento corporativo;
expiação da opinião;

em troca do sustento
que não sei se preciso,
mas preciso.

XXVI

julho é solidão
numa terça-feira
à tarde

enquanto a chuva
oprime a rua
e seus transeuntes

não há dentes
mas fome [e dor

os corações perfeitos
estão feridos
as calçadas de chumbo
são oportunidades

há portas cerradas
e roupas poídas
e semblantes perdidos
por trás das máscaras

julho é a cidade
o silêncio, o hiato
o frio efêmero
a tempestade frágil

cenas do Rio em gris
cafés desertos, reflexão
à espera das manchetes:
quando Batman vai
responder ao batsinal
e libertar a Guanabara
de todo mal?

XXVII

Se sobra vida, sobra
desespero.

Das vezes acordado e
levanto
da cama

banhado em suor depois
de sonhos
intranquilos.

Manifestos dos raios intermitentes.
Tudo é resumo

de um único pesadelo:
a vida mesma,
a real. Bastardos Inglórios
também matam.
Adentro

das terras do centro de que
me lembro

sem notar aquilo que faz
parte do eu, da escola única
do ser com meus
Mefistos

que construí ao longo dos largos
anos
de vida.

Bastardos Inglórios matam.
Semelhantes
ao juízo
que faço de filmes sangrentos;
não creio
jamais ter sido acometido
da vontade

de derramar sangue e choro
igual
às lentes
que derramo desastrado. Assisto

toda
violência;
e serei recompensado e inevitável;
capaz de

manifestá-la quando necessário.
Defesas não
se fazem com muros apenas.
São fases.

Pesadelos assumem e gosto rubro
das ruas
salitrosas de um litoral perdido.

Eu ascendo

ao status de pesadelo de outrem.
Não há justiça
que não se chore, assim como sangra
a revolução.

XXVIII

na cidade dos tempos modernos as pessoas se desencontram. veja o caso de um amigo, que se apaixonou por uma mulher ao vê-la, e depois manteve com ela um contato de anos, todo feito por computador e telefone. num belo dia, ela se dispôs a vê-lo, atravessando a cidade para encontrá-lo num café da estação central de metrô. ao mesmo tempo em que desejava muito o encontro, o rapaz estava namorando outra garota e, livre do machismo cotidiano, sentiu-se mal com uma eventual possibilidade de traição. mesmo assim, deixou o trabalho e se encaminhou para o coração subterrâneo da cidade. logo a jovem mulher chegou, com ar e fala visivelmente tensos. ele não sabia direito o que fazer e, embora estivesse louco para beijá-la até o amanhecer, preferiu manter distância e não fez qualquer abordagem mais romântica. então ficaram os dois numa conversa entre monossilábicos, enquanto as multidões iam e vinham dos corredores do metrô em plena hora de rush. ele pediu alguns chopes, ela não quis nada. depois de mais de uma hora, ele entendeu que dali não sairia nada, então pediu a conta e se ofereceu para levá-la à plataforma de embarque do trem subterrâneo. ela aceitou sem rir, e num súbito disse algo como “não quer ficar mais um pouco?”. ele titubeou num segundo e, com os dois ali parados, entre arriscar o maior beijo de todos os tempos ou levar um tapa na cara, preferiu sorrir e remarcar noutro dia com mais

tempo. ela também sorriu e tudo ali indicava um futuro encontro de almas, de salivas e carnes, mas como o desencontro é a marca desta cidade solitária e repleta, quando a jovem e linda mulher atravessou a roleta do metrô e desceu para a plataforma, tudo o que restou foi um punhado de nunca mais. ah, meu amigo.

XXIX

como num antipoema
eu sou e estou em signos
que se confundem e erram
os desígnios rítmicos confundem
ser e estar
como saxões o fazem
na fala no cerne na verve
e na vertigem que sobra
não se encontram
plenos porque não sabem quando estar
e quando ser
juntar os dois é complicado
muito complicado
e eu sou ser e estar separados
latino e ao mesmo tempo
esse é meu estilo e que se foda

já disse
vários tempos há vários tempos
e deveria ter dito
e que se foda o dito também já que escrevo
e digo pra dentro
e digo interno
e digo fechado
e continuo dizendo
mesmo que ninguém se importe porque
foda-se nem eu me importo
sem fados morais nem farto de saudade
não me caibo

impugno os ombros tensos
e estendo os braços que não tocam
aquilo que não vira ouro
com meu toque
ressalto a certeza dos clássicos
soltos com esse mesmo estilo
e que se foda

XXX

é difícil
entender tanto
desamor tanto
ódio tanto ódio
tamanho desprezo
pelo outro que é
tratado como
lixo nas esquinas
enquanto a morte
celebra o país

acréscimos do árbitro

α

tempos modernos
com pessoas tão
apressadas e tanto
nada em forma de
produtos descartáveis
que são vendidos
como a salvação
da terra esférica
nos reclames da TV
ou antes do vídeo
no YouTube: tchan!

[as pessoas estão desatentas
[a indiferença é uma regra

tempos modernos
com áudios longos
e pouco apreço:
falar ficou mais
importante do que
ouvir e ser visto é
mais importante do
que ver - escrever
qualquer bobagem
parece mais nobre
do que ler o que
realmente deveria
ter sido deveras lido

[o chato usa fone de ouvido no metrô
[ele quer se livrar dos chatos
tempos modernos, mediocridade

β

um dia seremos todos inúteis e aí teremos finalmente conquistado a liberdade. depois da invenção do avião e do computador, passamos a achar que a importância define o homem. então vem a pergunta: que importância? somos importantes porque nos sentimos ricos com salários de dez mil reais? ou porque dirigimos carros financiados em setenta e duas prestações? nossa importância vem da estupidez titulatória de engenheiros, advogados ou médicos, todos em ejaculação pela alcunha de doutor? é isso? tem importância a legião sem personalidade indo e vindo dos grandes prédios corporativos com suas roupas de marca em tons pastéis, enquanto usam fones de ouvido para não escutarem pedidos de esmola? onde está a importância disso tudo, alguém sabe me dizer? será que a pandemia não ensinou que, para a cidade, o gari e o entregador têm a mesma importância do doutor? chega dessa pantomima: precisamos ser mais inúteis, mais simplórios, mais à vontade com nossos equívocos e fracassos. um dia seremos todos inúteis e aí sim chegaremos ao ápice da raça: seres humanos demais.

γ

copacabana, uma semana de quinze dias

da graça de deus e o diabo

juntando o novo e o velho, o pobre e o rico,
o avant-garde e a cafonália

[o excêntrico e o pop rock

deusas do sexo, velhinhas moralistas,
maduros sacanas e garotos nerds

[quase todos se encontram na praia

respeitáveis condomínios orgiásticos
e barracos imperiais na favela

machistas musculosos dando pinta na
caserna mas odiando as liberdades

e lindas putas tristes com seus collants
coloridos jantando ao meio dia

ao contrário dos crackers da rua siqueira
campos perto das casas da banha

copacabana, onda a igreja aluga lojas para o
bas-fond sem pecado ou rancor

e garotos espertos atravessam a boca do
lobo à madrugada no bairro Peixoto

lindas gatas roteiristas escrevem
barbaridades divertidas para a TV

e os veteranos do posto seis esperam a hora
dos clássicos de peteca

pode ser Gerald Thomas ou Jorge Ileli ou
Júlio Bressane numa nova arte

ou Nelson Sargento a caminho da loja de
DVDs

pode ser João Roberto Kelly navegando a
noite

ou Paulo Amaral batendo papo com Orlando
Fantoni perto do Marimbás

ai de ti, Copacabana: bela e faiscante,
devassa e lúcida

teus escritores e poetas, teus cineastas e
pianistas, tuas nobres cantoras

teus moleques da areia caçando cola ou
jogando bola à luz dos refletores

traga à tona as vedetes, os boêmios e os
admiráveis inferninhos perdidos

e quitinetes lotadas de sonhos e ingênua
busca da prosperidade

a fantasia, o medo e a aventura num
ménage a trois dos sentidos

copacabana dos encantos doidivanas, dos malucos geniais e dos engomadinhos

o mar vadio e um exército de edifícios fazendo sentinela na terra

o Atlântico Sul de tantos amores e folguedos, sempre renovado

Copacabana da Prado Júnior, um caldeirão de gentes e cores

o carnavalesco Clóvis Bornay ajeitando o cavanhaque na porta do Coruja Bar

os jovens Luiz Carlos Lacerda e Leila Diniz a caminho do Beco da Fome

o árbitro Armando Marques descendo a Figueiredo Magalhães todo prosa

a espetacular modelo Georgia Wortmann na caixa da loja de pão de queijo

batalhões de estranhos lutando por um lugar ao sol e o pão nosso de cada dia

Copacabana, musa decana, garota dourada, império de céu e mar

[dai-nos a paz

NADA VIRA DO AVESSO SOZINHO

CAIO LIMA

P.R. ANDEL